

Apetece-me escrever um poema.

Um poema fechado dentro de si  
para ser compreendido  
apenas  
pelos passarinhos que chilreiam lá fora  
sobre as três árvores  
da minha única paisagem;  
para ser sentido  
na canção da seiva  
circulante no verde das ervas  
do caminho áspero da encosta;  
e pelo brilho do sol  
e pelo carácter integro dos homens.

Um poema que não sejam letras  
mas sangue vivo  
em artérias pulsáteis dum universo matemático  
e sejam astros cintilantes  
para calmas noites  
de Invernos chuvosos e frios  
e seja lume para acolher as gazelas  
que pastam inseguras  
nos campos acolhedores da imensa vida;  
amizade para corações odientos;  
motor impelindo o impossível  
para a realidade das horas;  
cântico harmonioso para formosura dos homens.

Um poema -  
(ah! quem comparou a África a uma interrogação  
cujo ponto é Madagáscar?)

Um poema solução  
resolvendo a curva interrogativa da imagem  
em linha recta de afirmação;  
a beleza das florestas virgens  
e a precisão da engrenagem da existência;

o som fantástico do trovejar sobre pedras;  
os cataclismos fluviais  
pendentes sobre as frágeis canoas do rio Zaire;  
a obnubilação ansiosa das almas da penumbra  
o claro arrebol no olhos dos homens.

Um poema traçado sobre aço  
escrito com as flores da terra  
e com os braços erguidos da podridão;  
esculpido no amor  
que exala a esperança daquele meu amigo  
a esta hora com a tanga ensopada  
no suor do seu dorso;  
com as canções adocicadas dum quissange ao luar;  
das gargalhadas infantis para a minha amada;  
do calor simpático  
do corpo sangrento dos homens

Um poema fechado  
– longo e imperceptível –  
em que amor e ódio entrelaçados  
sejam a síntese da discordância  
para ser cantado em todas as línguas  
guiado pelo som da marimba e do piano;  
ritmo de batuque enxertado sobre as valsas  
da outra mocidade;  
harmonia de xinguilamentos  
sobre o bárbaro matraquear das máquinas de escrever;

grito aflitivo no vácuo  
debatendo-se para encontrar a vibração da matéria  
e a aspiração dos homens.

Mas não escreverei o poema.

Em que subterrâneos circularia  
o ar irrespirável da violência?  
Nas cavernas dos teus pulmões  
ò caften das vielas sórdidas  
do conformismo?  
Ou na avidez dos quilométricos intestinos  
dos chacais?  
Ou nas cavidades prostituídas do coração  
infame do escravagismo?  
Ou nas goelas  
da desonestidade inconsciente?

Não escreverei o poema.

Escreverei cartas à minha amada  
preencherei os espaços claros dos impressos  
com letra impecável  
e nos intervalos  
cantarei canções afro-brasileiras.  
Sonharei.  
Sonharei com os olhos do amor  
encarnados nas tuas maravilhosas mãos  
de suavidade e ternura.  
Sonharei com aqueles dias de que falavas  
quando te referias à primavera;  
sonharei contigo  
e com o prazer de beber gotas de orvalho  
na relva

deitado ao teu lado,  
ao sol – uma praia furiosa lá ao longe.

E ficará dentro de mim  
a amargura por não escrever o poema.

Ele há tantas amargura!

Não escreverei o poema.

Direi simplesmente  
que o colosso de certeza na humanidade do Universo  
é inapagável  
como o brilho das estrelas  
como o amor dos teus olhos  
com a força na harmonia dos braços  
como a esperança nos corações dos homens.  
Inapagável  
como a sensual beleza  
da agilidade das feras sobre o campo  
e o terror transmitido dos abismos.

Direi simplesmente sim  
sempre sim  
à honestidade dos homens  
ao viço juvenil da sinfonia das árvores;  
ao odor inesquecível da natureza  
que apaga todos os possível cheiros amargos.

Sim!  
à interrogação mágica de Talamungongo  
do Cunene ou do Maiombe,  
ao sonoro cântico de ritmo subterrâneo  
e dos chamamentos telúricos;  
aos tambores  
apelando para o fio da ancestralidade  
esbatida aqui e além;  
ao ponto interrogativo de Madagáscar.

Sim!  
às solicitações místicas à musculatura dos membros  
ao quente das fogueiras endeusadas  
na lenha das sanzalas  
às expressões magníficas das faces  
esculpidas no alegre sofrimento das quitandeiras  
e no ritmo febril das sensações tropicais;  
à identidade  
com a filosofia do embondeiro  
ou com a condição dos homens,  
ali onde o capim os afoga em confusão.  
Sim!  
À África-terra, à África humana.

Direi sim  
em qualquer poema.

E esperemos que a chuva passe  
e deixe de molhar os chilreantes passarinhos  
sobre as três árvores da minha única paisagem.

Isso passa.

Cadeia de Caxias  
25 de Fevereiro de 1955